

Olhares sobre a Copa



Vai ter Copa, mas para alguns

O artigo deste domingo da seção "Olhares sobre a Copa" toca numa questão por muitas vezes relegada a segundo plano neste período de preparação para o Mundial: as desapropriações que foram feitas para abrir espaço às obras vinculadas ao evento esportivo. Quem traz o debate à tona é a mestrandia em Antropologia, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Alice Bezerra de Mello Moura. Na graduação em Ciências Sociais, ela produziu o trabalho "Tudo isso por causa de uma bola? Desapropriações e resistências decorrentes das obras para a Copa do Mundo de 2014 em Camaragibe e Recife". Atualmente, dedica-se à pesquisa "Uma Arena para Pernambuco: impactos e avaliações de promotores, vizinhos, beneficiados e atingidos".

O número de pessoas removidas de suas casas por causa das obras permanece obscuro

A contagem regressiva para o pontapé inicial da Copa do Mundo no Brasil está visível na avenida Agamenon Magalhães, no Recife, para que ninguém esqueça os dias que nos separam desse grande torneio de futebol. Se não faltam sinais que a Copa está para começar, os impactos das obras para viabilização do evento na Região Metropolitana do Recife é desconhecido pela maioria dos pernambucanos. Como cidade-sede para realizar, digase de passagem, cinco jogos, Recife precisou fazer várias intervenções buscando atender aos requisitos da Fifa, entre as quais destacam-se a construção da Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata, e as obras de mobilidade que dão acesso à esse estádio (Ramal da Copa, Corredor Leste-Oeste, construção do terminal integrado de Cosme e Damião e ampliação do terminal integrado de Camaragibe). Ao contrário da contagem rigorosa dos dias para o começo da Copa, o número de pessoas que foram removidas de suas casas por causa das obras permanece obscuro.

Apesar do número total oficial de desapropriados nunca ter sido divulgado, mesmo depois de várias tentativas da sociedade civil em ter acesso à essa informação, alguns pesquisadores, jornalistas e o Comitê Popular da Copa de Pernambuco calculam que mais de 2.000 famílias tiveram suas casas demolidas em decorrência das obras para a Copa, só em Pernambuco. Quantas pessoas sabem disso?

O Loteamento São Francisco, em Camaragibe, foi um dos bairros destruídos pela passagem das obras do Ramal da Copa e da ampliação do TI de Camaragibe (vale ressaltar que essa última não será mais feita em tempo hábil para a Copa). No lugar das gerações inteiras que conviviam ali há mais de 40 anos, hoje só restam os destroços deixados pelos tratores. Onde existiam casas com grandes áreas externas, jardins, comércios, agora é um descampado sem



Leo Motta

PERFIL

Alice Bezerra de Mello Moura, 23 anos

Cientista Social (Formada em Ciências Sociais pela UFPE, trabalho de conclusão de curso:

"Tudo isso por causa de uma bola?"

Desapropriações e resistências decorrentes das obras para a Copa do Mundo de 2014 em Camaragibe e Recife")

Aluna do mestrado em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) na UFPE

Pesquisadora do Núcleo de pesquisa Família, Gênero e Sexualidade (FAGES/UFPE) e, atualmente, trabalhando na pesquisa, financiada pelo CNPQ, "Uma Arena para Pernambuco: impactos e avaliações de promotores, vizinhos, beneficiados e atingidos"

No lugar das gerações inteiras que conviviam ali (...), hoje só restam os destroços

não receberam o valor total da indenização. Ora, se a indenização total já não era suficiente para comprar outra casa, o que fazer com apenas 30% ou 50% do valor pago? A situação é gravíssima: no Loteamento moravam muitos idosos e, infelizmente, alguns não resistiram ao processo traumático da remoção. Até agora sete pessoas faleceram por razões diversas (avc, infarto, etc.) que não podem ser dissociadas do contexto trágico no qual estiveram inseridos em seus últimos dias de vida.

O direito à moradia está garantido na nossa Constituição e como frisou a relatora da Organização das Nações Unidas (ONU) para o Direito à Moradia Adequada, Raquel Rolnik, na ocasião de sua visita às áreas desapropriadas no Recife: "quando acontece uma remoção, a situação da moradia da pessoa que estava nunca pode piorar, sempre tem que melhorar. Melhorar às vezes só um pouquinho, mas melhorar, ou pelo menos ficar igual. O que estamos observando aqui (Recife), observando e visitando as pessoas, é que elas, com esse recurso, estão morando muito pior do que estavam antes".

Fica claro que o processo de remoção vivido por essas famílias, para dar lugar às exigências da Fifa, foi brutal, sem a transparência e o diálogo que deveriam ser característicos de uma sociedade democrática. Será que vamos deixar um grito de gol nos fazer esquecer toda a brutalidade passada por essas famílias? Não digo "não vai ter copa", mas "vai ter copa, para alguns".